

## **Prelúdio 1**

### **A insustentável leveza do amor.**

**Francina Sousa**

Prelúdio, significante definido pelo dicionário Houaiss da língua portuguesa como “ato preliminar, primeiro passo para (alguma coisa)”, entre outras definições. Trata-se aqui de Ato Preliminar para um Encontro. Em nossa língua o significante “preliminar” facilmente nos remete ao ato sexual, e é dispensável elucidar que amor e sexo nem sempre são solidários, a experiência nos ensina. Permitam-me, pois, uma pequena consideração sobre o amor, primeiro termo de nosso tema.

No começo, o verbo. Amar, do ponto de vista da sintaxe da língua portuguesa, é transitivo. Significa que ele necessita de um complemento, algo que o acompanhe direta ou indiretamente, já que seria carente de algo por natureza. O escritor intui e adverte: amar é verbo intransitivo. Não combina com complementos posto que este significante remete à completude. E não há tal coisa no Amor, ele é tão manco quanto os corações daqueles que toca. O Amor é intransitivo. Não porque encontre tudo de que necessita em si mesmo dispensando todo e qualquer acessório, mas porque os complementos não lhe bastam! Intransitivo, uma vez que não há trânsito entre os amantes, aqueles que compõem a dissonante canção Amor. Gênio responsável pela comunicação entre os seres, não um Deus, o Amor não é maiúsculo...

Aspirando à possibilidade de ser todo, o amor faz com que os amantes acreditem na existência da relação sexual e que dois podem unir-se em Um. A ficção que chamamos amor aparece justamente para nos proteger do horror da não complementariedade entre os sexos. Dois serão sempre dois, apesar do Aristófanes de Platão ter ainda ecos no imaginário ocidental. Aliás, com o mito de Aristófanes, estamos exatamente no nível que nós, modernos, interpretamos o amor. Animado por este sentimento cômico, o amante busca algo para dar ao objeto de amor e é ativo e astucioso nesta interminável busca. Amor é esta crença de que encontramos no outro, na pessoa amada, algo que nos é precioso, aquilo que nos falta, um bem do qual queremos gozar e tal bem nos desperta para o desejo. Só que “o que falta a um não é o que existe, escondido, no outro. Aí está todo o problema do amor”<sup>[1]</sup>, já nos diz Lacan nas primeiras páginas do Seminário sobre a Transferência. Caetano canta o desencontro da bruta flor do querer amoroso já que “onde queres revólver, sou coqueiro/E onde queres dinheiro, sou paixão/Onde queres descanso, sou desejo/E onde sou só desejo, queres não.”

Para tornar-se um amante, para ser tocado e animado pelo amor, uma transformação faz-se necessária. Mais precisamente uma metáfora, “na medida em que aprendemos a articular a metáfora como substituição”<sup>[2]</sup>. Um sujeito deve vir em lugar de outro. Seguindo o Lacan do Seminário 8, onde era o amado (objeto), deve o amante (sujeito) advir. Lacan ilustra esta operação com um estranho mito: uma mão que se dirige desejosa em possuir um objeto

inanimado. Deste objeto, milagrosamente, estende-se outra mão, que busca pela primeira. As mãos não se tocam, permanecem neste espaço eterno (enquanto dura) tentando encontrar-se.

Recorro ao “nosso” Milan Kundera<sup>[3]</sup> e sua obra maior, *A Insustentável Leveza do Ser*, verdadeira lição sobre o amar na modernidade, para tentar expressar o milagre inerente à significação do amor. Este livro conta a história de amor entre Tomas e Tereza. O narrador revela ao leitor o momento preciso em que Tomas cai de amor por Tereza. Até então, fora ele um celibatário decidido, que havia encontrado um equilíbrio entre seu desejo e temor das mulheres naquilo que batiza como “amizade erótica”. Ingênuo, assim como o Erixímaco do *Banquete*, acredita que o equilíbrio, a harmonia seria possível entre os corações. Tomas tem inúmeras amantes, não ama nenhuma delas. No entanto o homem preparado e convencido a permanecer celibatário trai-se. É nesta traição que a falta e o desejo se expressam. A crença que o suposto equilíbrio de estar com todas e nenhuma ao mesmo tempo lhe trazia desmorona no momento em que é atingido pelo amor, momento em que está diante desta mulher que mal conhece e que vê pela segunda vez.

O que permite a Tomas sair de sua posição anterior, o que teria essa mulher de tão especial? Para ser amada por um homem uma mulher deve oferecer-se como objeto causa de seu desejo, objeto. Tereza aparece exatamente neste lugar. Imaginariamente unido a ela, Tomas sente que não sobreviveria à sua morte, como se fossem parte vital um do outro. Para ele, Tereza “não era nem amante nem esposa. Era uma criança.” Abandonada. Esta é a metáfora que representa Tereza em seu inconsciente e que funciona justamente para que ele, Tomas, metaforize-se em outro, aquele que salva e protege esta criança:

“Mais um vez ocorreu-lhe que Tereza era uma criança posta numa cesta untada com resina e abandonada ao sabor da corrente. Como deixar derivar para as águas impetuosas de um rio a cesta onde se abriga uma criança? Se a filha do faraó não tivesse retirado das águas a cesta do pequeno Moisés, não teria havido o Velho Testamento e toda a nossa civilização! No começo de tantos mitos antigos, existe sempre alguém que salva uma criança abandonada. Se Pólibo não tivesse recolhido o pequeno Édipo, Sófocles não teria escrito sua mais bela tragédia! Tomas compreendeu então que as metáforas são perigosas. Não se brinca com as metáforas. O amor pode nascer de uma simples metáfora” (p.16)

Sim. As metáforas são perigosas. O amor nasce de uma simples metáfora...

## Prelúdio 2

### AMOR E SEXUALIDADE

Marisa De Costa Martinez

As questões relativas ao amor preexistem à psicanálise. É fato que o tema tem acompanhado as produções literárias, filosóficas e psicanalíticas até os dias atuais. Como exemplo da filosofia, podemos tomar a indicação platônica<sup>[i]</sup>, de por volta de 380 a.C., em *O Banquete*, de que existe uma universalidade no impulso amoroso a qual devemos nos ater. Um exemplo da literatura foi utilizado por Freud a fim de destacar a importância do amor, quando cita Schiller, poeta e filósofo: “são a fome e o amor que movem o mundo”<sup>[ii]</sup> e de forma semelhante, poderíamos pensar que o amor move, inclusive, a psicanálise. Logo de saída a clínica psicanalítica tem tomado a questão amorosa como central, embora não haja um único texto nem freudiano tampouco lacaniano que seja destinado ao amor. Diferentemente, o tema permeia a obra de ambos. Lacan, ainda evidencia o tema ao defender que “todo mundo demanda amor.”<sup>[iii]</sup>

O fato de Freud ter-se ocupado do inconsciente e da sexualidade é conhecimento presente inclusive no senso comum. Ele não pensava o fenômeno amoroso como restrito à vida adulta, mas sim, sua implicação na constituição da sexualidade desde sua infância. A implicação entre sexualidade e amor, entendidos em uma concepção ampla, faz parte do alerta freudiano para a possibilidade de equívoco dos psicanalistas ao esquecer que “usamos a palavra ‘sexualidade’ no mesmo sentido compreensivo que aquele em que a língua alemã usa a palavra *lieben* (‘amar’).”<sup>[iv]</sup> Talvez essa intersecção seja uma característica peculiar da língua alemã, que nos permite pensar os termos amor e sexo em sobreposição mais do que em outras línguas, acarretando uma consequência ao texto freudiano. Nesse sentido, caberia questionar em que medida o campo amoroso englobaria, também, o conceito de sexualidade, embora saibamos que amor e sexualidade não são sinônimos.

Desde o início da psicanálise as pessoas chegavam à clínica para falar que não conseguiam amar na vida adulta e associavam essa impossibilidade ao amor infantil objetual, demandas estas que Freud denominou de sexuais. As questões relativas ao amor e ao sexo continuam deveras presente em nossa clínica. Nesse sentido podemos tomar a questão de Serge André para iniciar uma discussão em nosso próximo Encontro: “qual é o lugar, a função e a natureza do amor na relação claudicante entre sujeito e sexualidade?”<sup>[v]</sup>

Lacan insiste sobre a relação do amor e da sexualidade quando propõe que se há algo possível na relação dos sujeitos é justamente o amor, o qual surgiria como suplência da falta primordial e estruturante desses: “o que vem em suplência à relação sexual [inexistente], é precisamente o amor”<sup>[vi]</sup>. Em seguida o autor enuncia novamente o amor enquanto uma

possibilidade ao sujeito que vem suprir a falta da relação sexual: “[...] para que eles [seres faltantes] se arranjam, para que eles se acomodem para que, mancos mancando, eles cheguem, mesmo assim, a dar uma sombra de vidinha a esse sentimento dito amor”.

No entanto há uma dimensão de necessidade no amor em detrimento de um distanciamento absoluto dos homens. A clínica evidencia que, embora a satisfação no amor não exista, nem por isso, os sujeitos não continuem a tentar. Há uma atribuição de pertinência no amor ao assumir para a humanidade uma espécie de via para a felicidade, apesar de reiteradas considerações freudianas que apontam os limites da felicidade na suposta completude amorosa. Frente ao real da inexistência da relação sexual os homens poderiam se excluir. Diferentemente, as análises caminham para um laço que Lacan chamou de “um novo amor” enquanto efeito de final de análise. Assim, a leitura do amor como suplência da não relação sexual aponta para uma espécie de ilusão necessária, uma invenção. E sim, estamos de acordo que a invenção do “amor nos torna patéticos”, conforme canta Rita Lee – conhecida como a rainha do rock brasileiro – em sua música intitulada “amor e sexo”.

Por fim, é assim, “patéticos” e cheios de amor para dar, que nós – “novos” do Pantanal – também um local “novo”, nos movemos “manquejando” para receber a todos no XV Encontro Nacional de nossa Escola para falar de Amor e Sexos.

[1] LACAN, J. *O Seminário, livro 8: A Transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 46

[2] LACAN, J. *Idem*, p. 47.

[3] Refiro-me aqui ao Milan Kundera que “fala português”, uma vez que tomo como significante de minha análise a tradução de Tereza B. Carvalho da Fonseca da obra *A Insustentável leveza do ser*, e não o texto em sua língua original.

[i] PLATÃO. **O Banquete**. (tradução, introdução e notas J. Cavalcante de Souza). Rio de Janeiro: Difel, 2006.

[ii] FREUD, S. Mal-Estar na Civilização. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1930/1996, p. 121.

[iii] LACAN, J. **O seminário: Livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1957-1958/1999, p. 376.

[iv] FREUD, S. A Significação Antitética das Palavras Primitivas. In: **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1910a/1996, p. 234).

[v] ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 247.

[vi] LACAN, J. **O seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,

### **Prelúdio 3**

## **AMOR TRAGO JÁ**

***Isloany Machado***

Convocada a dizer sobre o amor, travei. Sim, escrevo. Mas sobre o amor? Não! Entretanto, não havia escapatória. Tinha que dizer, como psicanalista, do amor. Os dias foram se arrastando e as palavras fugiam. E de lá do fundo do meu *falasser* brotavam chavões: “O amor é fogo que arde sem se ver”. O que é o amor, o que é o amor? “É só o amor, é só o amor”. Às voltas com a convocação, espremia, espremia, e nada.

Tenho o costume de andar olhando para as coisas do chão. Até algum tempo atrás achava um jeito feio de andar, mas depois de Manoel de Barros<sup>[1]</sup>, que dá tanto valor para as coisas desimportantes – coisas de formigas, de pedras, de rãs – achei que não tinha problema esse meu olho torto. É no chão que acho as coisas mais fundamentais. E eis que um dia, chutando pedrinhas no centro de Campo Grande, encontrei um bilheteiro roto que dizia: “AMOR TRAGO JÁ”. Passei reto. Fiquei com vergonha de apanhar do chão algo que estava tão pisoteado. As palavras ficaram mordendo meu calcanhar, então na volta peguei, com um meio sorriso pra disfarçar o constrangimento. Tentei não fazer de forma furtiva para que as pessoas não pensassem que encontrara algo de valor. Era só um papel muito roto e pisoteado. Corri para o consultório a fim de ler o que dizia. Transcrevo:

### **“AMOR TRAGO JÁ**

**\*\*ATENÇÃO\*\*** Não Sofra mais...Chega de sofrer e venha ser feliz...Eu posso e trago o seu GRANDE AMOR de volta GAMADO, AMARRADO E ACORRENTADO para sempre, em apenas 7 dias com garantia e rapidez, não importa a distância que for, esteja ELE ou ELA aonde estiver. Tenha quem você AMA aos seus pés para sempre. NÃO SOFRA MAIS! Há solução p/ todos os seus problemas e outros mais. Faça e desfaça qualquer tipo de trabalho Espiritual!!

**EU GARANTO O QUE EU FAÇO!!!**

**TRABALHOS RÁPIDOS E GARANTIDOS**

***Sigilo Absoluto”***

Reli umas duas vezes e fiquei sem entender por que as pessoas haviam pisoteado aquele papel, sem lhe dar importância. Fiquei comovida com aquelas palavras. Talvez não com as palavras em si, pelo que dizem, mas porque o amor estava misturado a todas as coisas

desimportantes do chão. Quem teria deixado cair o papel? Algum desacreditado do amor? Ou talvez alguém que nunca o tenha conhecido. Reli o papel. Havia ali uma promessa de trazer o amor, o GRANDE AMOR de volta. Mais que uma promessa, havia uma garantia. Me senti descrente, uma mulher de pouca fé: Ora, o amor nada mais é do que amar ser amado, é demandar amor.

Olhei para o divã ao lado e fiquei lembrando dos ditos amorosos e desamorosos – principalmente estes – que ouvira naquele mesmo dia, permeados pelo silêncio das minhas intervenções. Não havia palavra que pudesse dar garantias de trazer o amor no laço, AMARRADO, GAMADO, ACORRENTADO. Encafifada com a promessa do bilhete, pensei: por que não? Por que o amor não se deixa amarrar, acorrentar, para sempre? Depois de alguns minutos a sentir o gosto dessas duas palavras, percebi que o amor não se pode acorrentar porque está como elo da corrente; não se deixa amarrar, porque faz laço; não se permite enodar[2], porque o amor é o que faz nó.

Antes de uma grande declaração de amor, há um nó na língua. Mas quando se perde um amor, resta um nó na garganta. Às vezes este tipo de nó é tão apertado que a vida se vai. Lenine diz: “às vezes parece até que a gente deu um nó”, mas só parece, pois “hoje eu quero sair só”, conta o restante da letra ( $1+1=1$ ). O amor dá nó no ser: “leve um nó”. Mas o nó que o amor dá não é cego, caso contrário o bilhete roto teria que dizer: “Eu posso e trago o seu GRANDE AMOR de volta GAMADO, AMARRADO E ACORRENTADO para sempre, pois trabalho com um nó cego”. Ora, os termos precisam ser ditos claramente.

Acontece que há outro nó. O nó borromeano, que Lacan utiliza em sua teoria para falar, dentre outras coisas, de algo da ordem do impossível, de que não há completude. Nenhum nó é cego, “desenodável”. Foi aí que minha ficha caiu e pude entender minha descrença. Esse nó tem três elos iguais em termos de consistência, pois desfeito um, qualquer um, o nó se desfaz. Misturei Lacan com a cigana do bilhete, minha cabeça deu nó. Mas entendi que o silêncio dos meus ditos diante do desamor que ouço todos os dias na clínica, tem a ver com a face real desse nó, com o impossível da relação sexual. Então, pelo lado avesso, pensei: se o amor é narcísico, pois não foge das identificações e dos espelhamentos, é, portanto, imaginário. Mas se o amor faz laço, enlaça o sujeito com seu desejo, é simbólico.

Neste momento, deixei cair o bilhete e pensei: “Dona cigana, sua desatadora de nós, não acorrente o amor, deixe-o livre para fazer nós”. Reli pela última vez o bilhete e reformulei seu dito:

### **“AMOR TRAGO NÃO**

**\*\*ATENÇÃO\*\*** Pode sofrer por amor...Continue a sofrer, pois amar não é o mesmo que ser feliz...Eu não posso e não trago o seu GRANDE AMOR de volta GAMADO, AMARRADO E ACORRENTADO para sempre, porque não se faz nó cego no amor, porque não se pode acorrentar o amor, pois ele é a corrente. No amor não há garantias, quanto menos em apenas 7 dias. Não importa a distância que for, esteja ELE ou ELA aonde estiver, o ‘amor é bicho instruído’[3]. Tenha quem você AMA aos seus pés para sempre, no espelho. SOFRA, porque

‘essa ferida, meu bem, às vezes não sara nunca, às vezes sara amanhã’. Não há resposta pronta p/ nenhum de seus problemas e de ninguém mais.

**EU NÃO GARANTO NADA!!!**

**TRABALHOS LONGOS E SEM GARANTIAS**

***Sigilo Absoluto”***

Venham atar os nós do amor em Campo Grande nos dias 13, 14, 15 e 16 de novembro!  
Mas eu não garanto nada!!!

[1]Poeta regional e do mundo.

[2]Pesquisei a palavra “enodar” no google voice, em que você diz a palavra e ele te dá o significado. Eu dizia: Enodar. E o google entendia: “anotar”, “e nos dar”, “endnote dar”. O google não entende nada de amor, mas quando finalmente digitei a palavra ele me deu o seguinte significado: “ligar com um nó: enodar um ramo de flores”.

[3]Referência ao poema do escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade.

**Prelúdio 4**

**Ah amor...**

**Há sexos!**

**Silvia Amoedo**

Para tratar o tema “Amor e Sexos”, busco, na subversão da escrita poética de Clarice Lispector, fragmentos do romance *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*. Trata-se de um encontro amoroso entre Lóri e Ulisses.

Lóri busca, na imagem de Ulisses, seus próprios ecos, seu modo de ser, de existir e de amar. Busca encontrar no Outro, outro sexo, sua posição feminina. Faz semblante de mulher, enfeita o corpo para o encontro: põe sobre si mesma alguém outro – pinta demais os olhos, a boca, mascara o rosto com pó –, exatamente o que ela não é, revelando-se e ocultando-se, para ser desejada ao mesmo tempo que amada.

O fato de o ser humano falar implica, desde já, um corpo que clama, corpo submetido à linguagem, e uma incosequente desnaturalização chamada desejo – uma posição excêntrica: é sempre outro -, o que impede uma aprendizagem. Não há, portanto, caminhos ou determinações que definam o que é ser homem e o que é ser mulher. O que significa dizer que o sujeito, por nascer com o significante, já nasce dividido.

Nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, Freud sistematizou o conceito de

pulsão, diferenciando-o do de instinto. O destino da pulsão é incerto. Seu objeto, aquilo em que a pulsão pode alcançar seu objetivo de satisfação, é variável. No entanto, a pulsão apreende um objeto, porém não se satisfaz, deslocando-se de um objeto para outro. Dessa forma, ser homem ou ser mulher não pode ser definido pelo biológico, mas pela linguagem, numa relação entre seres falantes, definida pela posição do sujeito em relação ao significante do desejo. Nada mais que significantes.

Há, portanto, na escolha sexual, uma marca que porta o desconhecimento e a alienação inerentes à própria história do ser falante.

A linguagem dá o sentido humano às coisas. E Lóri aprende a se aproximar das coisas sem ligá-las a sua função e, assim, entrevê como seriam as coisas e as pessoas antes que lhes fosse dado o sentido humano. Já sabe um pouco de si, mas isso não responde ao que ela é como mulher.

Ao ver-se de corpo inteiro no espelho, Lóri pensa que ser um corpo único é também proteção, pois um corpo único lhe dava a impressão de que não fora cortada de sua condição essencial como mulher, qual seja a de ser “não toda”.

Para encontrar os mistérios do corpo falante, Lóri adentra o mar, que a aceita, apesar da resistência, tal como no amor, em que a oposição pode ser um pedido secreto. Para Lóri, o amor de corpo é estranho e cego, e cada pessoa, sem saber da outra, reinventa a cópia do outro.

Lóri se des-cobre num estado de graça indizível e incomunicável como o dos místicos e, nesse momento, num gozo mais-além, encontra o impossível de si mesma: [...] “Eu sou tua e tu és meu, e nós é um”[1]. Mas, na questão do amor, o encontro é sempre falho: não há coincidência entre o que o amado possui e o que falta ao amante. O que se ama é o objeto, associado à função daquilo que é amado, o ser do objeto – aquilo que escapa à linguagem –, e não um sujeito. Segundo Lacan, “o amor é impotente, ainda que seja recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos [...] sexos”[2].

Na posição de habitar a linguagem, há “o homem eamulher”[3]. É por esse que Lacan funda o estatuto d`amulher no que ela é “não toda”. No entanto, há mulheres fálicas e há homens cuja função fálica não define a posição homem ou mulher. Como fazer amor?

“Fazer amor, como o nome indica, é poesia”.[4]

[1] LISPECTOR, C. Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 150.

[2] LACAN, J. O Seminário – livro 20: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 14.

[3] LACAN, J. O Seminário – livro 20: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 99.

[4] LACAN, J. O Seminário – livro 20: mais, ainda (1972-1973). Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 98.



## **Prelúdio 5**

### **AMOR, SUBLIMAÇÃO DO DESEJO**

**Alba Abreu**

Não haveria o amor se não houvesse cultura. Lacan afirma que o “amor está feito da idealização do desejo” e “o desejo é coisa mercantil”<sup>1</sup>; isso equivale dizer que, inventado pelo mercado, o chamamos amor era até então desconhecido pela Antiguidade pagã, para a Idade Média e o Oriente, embora os cruzados tenham tentado implantar essa necessidade amorosa – dita cristã. Sabemos que o amor como conhecemos e difundimos na literatura foi uma criação dos trovadores provençais como já apreciei anteriormente<sup>2</sup>.

O desejo intervém no amor e é seu pivô essencial: “no caminho de meu desejo, o Outro quer minha angústia” e, portanto, já que o desejo não diz respeito ao objeto amado, Lacan assegura nesse seminário que “o amor é a sublimação do desejo” no sentido em que colocar-se em posição de desejante é também assentar-se na posição de falta e buscar a completude. Consequentemente, afiança que “o amor (sublimação) é o que permite ao gozo condescender ao desejo” certamente porque se trata de um modo de esconder o que causa o desejo, evitando a angústia.

Dois filmes retratam a tese lacaniana sobre o amor, embora de modos distintos:

AMOR: sobre o casal Anne e George, cúmplices, delicados, desfrutando a vida e o amor mútuo, lentamente o espectador é convidado a descortinar o Thanatos de seu complemento Eros. Anne e George que não se enxergam separados, a partir da estranheza da doença, a angústia assola e o casal se isola do mundo num êxtase de dor e sussurros ainda ditos como que para preservar o espaço do psíquico.

O AMOR É UM CRIME PERFEITO: numa atmosfera fria e futurista encontramos o equilíbrio perfeito entre um cenário espetacular e a estranheza perversa do seu protagonista. Jogos sedução e dominação que angustiam o espectador, que numa trama bem urdida, apesar de causar um sentimento de ambiente acolhedor aproxima-se gradualmente da bestialidade e da loucura. O filme aborda, sem escrúpulos, temas rejeitados e varridos para baixo do tapete da violência intrafamiliar. A história de amor inesperado que se desenvolve gradualmente entre *Amalrice Maiwenné* incrivelmente hipnotizante, porque, como quase toda a história de amor está fadada ao fracasso.

O que o Outro quer de mim? O desejo do Outro é esse nome que Lacan usa para o excesso econômico – aonde o Unheimlich vem representar o fenômeno da angústia (estranho familiar, diria Freud). Isso que o analista aprende nos livros, nas leituras e nos filmes denota esse lugar de desassossego da posição analítica e por isso mesmo fazemos encontros para cada vez

mais nos aproximarmos da condição humana e perceber o sentido de nossa prática.

## **Prelúdio 6**

### **A intrusão da diferença**

***Luis Izcovitch***

Será que a psicanálise pode nos dizer algo de novo sobre o amor e o sexo que não seja apenas dar-lhe a forma de um conceito? A resposta é sim, mas é preciso justificá-la.

Há certamente o que a teoria analítica nos ensina sobre o inconsciente e, portanto, sobre as relações do sujeito com o amor e o sexo. Uma tese pode ser apreendida, ela é constante de Freud a Lacan e poderia ser resumida assim: o inconsciente, isso nos impulsiona para o mesmo. Do ponto de vista histórico, houve diferentes formas: *aphiliana* Grécia, o amor cortês como obstáculo regrado no que tange ao impossível da relação sexual, até mesmo a ideia de Freud do amor sexual como a base da nossa civilização. Lacan chega a forjar uma ética, a *doHorsexe*, Extrassexo, isto é, quando *l'âme aime l'âme*, a alma almeja a alma. Em outros termos, amamos no outro o que é semelhante à nossa alma, ou seja, nós mesmos.

O mesmo acontece com o sexo: a forclusão da diferença sexual no inconsciente impulsiona o sujeito para o encontro do mesmo. Quer ele seja homo ou hetero, não há diferença quanto a isso. Pois é bem possível estar no registro hetero e recusar a alteridade no gozo. Do mesmo modo, como Lacan o formulava, pode-se ser uma mulher e estar "*âmoreuse*", almorosa, o que ele escrevia com acento circunflexo sobre o a, para mostrar que ela ama a alma do outro, o que a torna *homosexuelle[vi]*, homossexual. É o empuxo-ao-homem na histeria, o que significa que ela ama, mas, rejeitando a diferença sexual, ela faz objeção ao ser Outro do homem.

Então, se afirmamos que a psicanálise pode dizer algo de novo, é no sentido em que uma experiência de análise não se limita a constatar a relação do sujeito com o inconsciente, mas visa a uma mudança. É certo que se opera uma mudança como efeito da radicalização da falta. Se o amor é dar o que não se tem, quanto mais uma análise faz o sujeito se confrontar com sua falta, mais ela o coloca na posição de amar, portanto, na de induzir um novo nó entre o amor e o sexo.

Contudo, mais fundamentalmente ainda, é preciso explorar uma das teses conclusivas do seminário *Encore*, (Mais, ainda). Lacan se refere ao reconhecimento entre dois seres, portanto, ao modo como dois seres se escolhem: “Esse reconhecimento não é outra coisa senão a maneira pela qual a relação dita sexual – tornada aí relação de sujeito a sujeito, sujeito no que ele é apenas efeito do saber inconsciente – para de não se escrever.”[vi] Com efeito, se Lacan se serve do verbo *devenir* (tornar-se, vir a ser), é para mostrar que entre a constatação da relação sexual como impossível e o que “cessa de não”, ou seja, a contingência, há uma travessia. A travessia não é apenas a constatação, é aquilo que abre para uma relação “do ser com o ser”, ou seja, uma relação que implica a alteridade do outro.

É este o efeito de uma experiência, a de uma análise, única experiência capaz de produzir a passagem do mesmo à diferença. Eis o que há de inédito no fim, inédito no nível dos afetos e que não supõe necessariamente um novo parceiro.

Neste sentido, uma análise é uma experiência cuja mola é o amor, mas com uma finalidade precisa: retirar o sujeito do mesmo. Façamos os votos de que as Jornadas de Campo Grande no Brasil possam contribuir para demonstrar o que pode mudar para um sujeito, quando ele coloca o amor e o sexo no em-jogo da transferência.

Tradução: Vera Pollo

## **Prelúdio 7**

### **Para sempre é sempre por um triz**

**Ana Laura Prates Pacheco**

Houve uma mesa de trabalho em *Hímeros–Colóquio de Arte e Psicanálise*, ocorrido em 2013 no Rio de Janeiro, que tratava sobre a relação entre o ato e a contingência. Os trabalhos eram de Gabriel Lombardi e Raul Pacheco. Gabriel usou uma expressão em castelhano para dizer de algo que ocorre (ou não ocorre) por pouco, e na hora me veio a tradução – não literal – “por um triz”. Raul terminava seu trabalho com uma citação da bela canção de Chico: “Basta um dia”: “Pra mim, basta um dia, um meio dia, e eu faço desatar o nó da minha fantasia”.

Há uma modulação muito interessante entre “basta um dia” e “por um triz” que permite transmitir a aposta de Lacan nas modalidades incluídas na sexuação: necessário, possível, contingente e impossível. Será no Seminário 21 *Les non-dupes errent* que Lacan ousará escrever que “o nodal é o modal”, articulando o nó borromeu aos modos de gozo que já havia localizado nas fórmulas da sexuação, no ano anterior. Ele propõe que há dois tipos de nó, estruturalmente distintos: o nó olímpico e o nó borromeu. O nó olímpico é ordinal, pois uma das esferas – a do meio – tem prevalência sobre as outras duas. Esse tipo de nó é aquele que tenta escrever a

relação sexual. Dependendo do registro que ocupará a função prevalente – o Simbólico, o Imaginário ou o Real –, teremos uma tipologia de modos de amor que tentam escrever a relação: o amor a Deus, o amor Cortês ou o amor masoquista. Vejam que curioso: garantir o impossível, como faz o amor cortês, é tanta impostura quanto garantir o possível, ou pior, torna-lo necessário. Pois bem, ao contrário do nó olímpico, o nó bô é cardinal – não há ordem, nem prevalência de nenhum dos registros sobre o outro. É essa a característica que permite a Lacan escrever “não há relação sexual” a parti desse nó. Pois como afirma Lacan, o 3 é Real, pois o 1 não atinge o 2. O 2 é ímpar! Belo modo de dizer que relação sexual não há.

Em seu texto: “Lógica e poética: por um Triz”, Ana Paula Giansesi também fala do triz, a partir do espetáculo de dança *Trizdo grupoCorpo*. No site do grupo encontramos que a mitologia de *Dâmo* clessuspensa por um ténue fio de crina de cavalo serviu de inspiração para Triz, palavra de sonoridade onomatopeica, que tem nos vocábulos gregos *striks/trikós* (pelo, cabelo) sua mais provável origem etimológica, simbolizada pela expressão por um triz (por um fio)”. Ana Paula comenta: “O um não encontra o dois. Duplos modos de dançar uma mesma trilha com seus tantos desdobramentos possíveis. Eles vão para traz do palco e por um véu de traços os vemos contando os passos 1, 2, 3, 4, 5, voltam ao palco, e a conta... esta não se fechou. Parecem estar mesmo em outra cena, aquela que abre a suspensão, a surpresa, a descontinuidade... Sim, eles parecem justamente forçar o que não se conta... Dois corpos dançam e não distinguimos suas bordas. Não fazem dois, tampouco fazem um. O que passam? Não há relação sexual!

Mas ocorre que, às vezes, algo se escreve, ou melhor, “alguma coisa cessa de não se escrever, para alguns casos raros e privilegiados” (*Sem. 21*): Nesses casos, para não fazer amor olímpico (lê-se, edípico), ou pior, transforma-lo em uma olimpíada, é preciso lembrar o poeta Chico, novamente: “Diz quantos desastres tem na minha mão, diz se é perigoso a gente ser feliz. Sim, me leva para sempre, Beatriz, me ensina a não andar com os pés no chão. Para sempre é sempre por um triz”.

## **Prelúdio 8**

### **A lua (cheia) dos amantes**

***Elynes Barros Lima***

*“Não há ó gente, ó não, luar como esse do sertão”*

Nesse clima de dia dos namorados, a lua nos serve de inspiração, e de todas as suas fases, é quando ela se apresenta cheia, em sua esfericidade e completude que suspiram os amantes.

Lacan diz no Seminário VIII, *A transferência*[vi] que a esfera é o que dá mais prazer ao nervo óptico. Sua forma conforme, completa, apresenta-se esteticamente bela ao olhar. Diz isso ao comentar o mito grego de Aristófanes, que entre todos os convidados do Banquete, é aquele que nos diz as melhores coisas sobre o amor, porque fala do amor como falamos dele. Conta-nos então Aristófanes[vi] que a humanidade era composta de seres esféricos e que estes são divididos pela fúria e castigo dos deuses, pois com toda sua potência esférica, queriam escalar o céu! Apartados de suas metades seguem buscando aquela que lhes completaria. Quando se encontravam, abraçavam-se uma a outra na tentativa de confundirem-se e tornarem-se um único ser novamente, porém morriam de fome, pois não queriam fazer nada separadamente. Os que não se encontravam, padeciam um ao lado do outro sem poder novamente fundir-se. Com dó, os deuses fazem uma operação para que seus órgãos genitais fiquem na frente dos corpos e assim possam encaixar-se, e do encontro, gerar filhos. Para Aristófanes, essa foi a saída de Eros para aliviar as dores da natureza humana.

O trágico que mistura sexo e amor, e o cômico das esferas, que apresentam-se, segundo Lacan, na forma de uma imagem “clownesca” permeiam as histórias de amor, de antigamente e de hoje!

Essa conversa sobre esferas e metades, sobre sujeitos divididos, amor e sexo, me fez lembrar o mais novo livro de Valter Hugo Mãe, *A desumanização*[vi]. O livro de Valter é de uma sensibilidade tocante. A história se passa num lugar árido, como é o sertão do Nordeste, porém nesse caso trata-se do deserto de gelo, a Islândia. O livro conta a história da travessia de Halla, de sua adolescência, e de todos os questionamentos próprios dessa fase e das saídas possíveis para o mal que lhe atravessou.

Halla e Sigridur eram irmãs gêmeas. Halla queria ser professora. Sigridur queria ser longe. E foi-se. Morreu ainda criança.

Com a morte da irmã, Halla se dividiu, e “meio morta”, passou a viver. Aos poucos a ideia de fugir, de sair da Islândia, foi tomando conta de seus pensamentos; dizia que foi a irmã que lhe ensinou a querer ser longe. Sua mãe retrucava: “se fugires, mato-te.(...) O único longe para ti, há

de ser a morte. Perto de tua irmã.” – onde possivelmente as duas seriam uma novamente, completas: a morta e a meia morta.

Um dia confessa a Einar: “...a minha mãe corta-se e odeia-se. Odeia-me também. Como não me multiplico, sou uma metade insuportável que prefere não reconhecer”. A partir das intimidades das palavras e dos corpos, Halla entrega-se a Einar. Esperava que o amor, quando acontecesse, tiraria o nojo que sentia, considerava ela. Achava que o amor podia curar seu mal, sua dor.

É verdade que entregar-se a esse amor lhe deu mais consistência. Um compartilhava do sofrimento do outro. Einar a amava, porém ela, não sabia se o amava; e fazia planos de fugir e ele prometia fugir com ela.

A morta e a meia morta, gêmeas, imaginariamente se completavam. Halla e Einar, em seus sofrimentos, simbolicamente faziam laço. Ele a amava. Ela, no final do romance diz que o amava também e que não levava dúvidas de que era amada. Porém, a essa altura, Halla já tinha escolhido viver; e aceitar esse amor talvez fosse aceitar ser meio morta. Dividida será para sempre, em sua condição humana. Meio morta, não necessariamente. E foge atravessando o gelo, a frieza árida.

Eros, que deseja a busca da totalidade, impulsiona os homens a prosseguirem cheios de esperanças futuras! Tendo Tanatos a espreita. Porém, o fato dos seres humanos terem seus órgãos genitais para frente e consentirem na comédia dos sexos, não os faz completos, redondos, plenos; porque sendo seres de linguagem, o desencontro já está dado, de saída. No Seminário XX, *Encore*[vi], lemos que o amor visa o ser, aquilo que na linguagem é mais evanescente e por isso só se apresenta como surpresa. O encontro é contingente. São instantes, momentos.

No amor somos todos errantes, assim como Halla. Cada um atravessando seu deserto de gelo ou de areia à espera de um acontecimento, do “feliz acaso” (bom-heure)[vi].

Quem sabe o luar do Pantanal, possa iluminar as questões sobre o amor e sexos. Quem sabe em Campo Grande, nesse lugar de natureza exuberante, com um lugar chamado Bonito, possamos falar um pouco mais, *Encore*, do amor!

Nos encontramos lá!

## **Prelúdio 9**

### **A ESCRITA DE UMA CARTA DE AMOR**

***Ingrid Ventura***

No começo era o amor, como nos diz Lacan no *Seminário A transferência*[vi]. Essa afirmação transmite que o analista serve-se de Eros para que a experiência analítica seja possível.

Esta relação é bem ilustrada por Lacan quando retoma *O Banquete* de Platão. Nesse diálogo, Alcibíades acredita que Sócrates detém um saber sobre o enigma do amor e do seu desejo, situando-o como o detentor do *agalma*, objeto indefinível e precioso. No entanto, Sócrates se recusa a mostrar a metáfora do amor, afirmando que nada sabe, pois a sua essência é o vazio.

Alguns anos depois, no *Seminário O saber do psicanalista*, que teve as três primeiras aulas traduzidas e lançadas pela Éditions Seuil sob o título *Je parle aux murs (Entretiens de la Chapelle de Sainte-Anne)* e pela Jorge Zahar Editor como *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*[vi] – tradução que despreza a importância do significante *muro* – Lacan abordou o saber, especialmente o saber do psicanalista, em sua relação com a verdade e o gozo, situando a verdade como o não saber.

Nessas palestras, Lacan coloca em discussão a incompreensão de seu ensino e se a sua fala estaria endereçada aos *muros*, interrogando a sua repercussão. Não por acaso se vale do significante *mur*, o qual é homófono a alguns outros dos quais lança mão para construir e transmitir o que propunha. Traz-nos o muro como aquilo que comportaria a própria linguagem.

Com tal formulação, acrescenta que no muro temos a presença dos discursos, fazendo referência aos quatro termos, S1(significante-mestre), S2(saber), \$ (sujeito barrado) e a(objeto a), situando o sujeito como suposto a partir do significante como senhor do jogo, o que, como vimos acima, está em jogo em uma análise. E para além desse muro, sustenta Lacan, haveria a possibilidade de construir um sentido.

E ainda, ressalta que o muro (*mur*) pode tornar-se um *muroir*, neologismo construído com os significantes *mur*(muro) e *miroir*(espelho). Nessa construção, recorre a um poema de Antoine Tudal, que mencionou em seu *Função e campo da fala e da linguagem*[vi]:

*Entre o homem e a mulher*

*Há o amor.*

*Entre o homem e o amor*

*Há um mundo.*

*Entre o homem e o mundo*

*Há um muro.*

A partir de tal poema, articula que o amor existente entre o homem e a mulher deriva da “atração”, como algo que aparentemente “une”. Por sua vez, o mundo entre o homem e o amor remete a uma “flutuação”, como algo que “desestabiliza” ou “afasta”. A referência ao muro que está entre o homem e o mundo traz a ideia do “entre”, de uma “interposição”.

Retoma o amor que está entre o homem e a mulher e o situa em um tubo que revira-se sobre ele mesmo, fazendo referência as figuras topológicas da garrafa de Klein e da banda de Moebius, de modo a situar o homem do lado direito desse tubo e a mulher do lado esquerdo. A partir desse ponto, prossegue sua formulação de modo a articular que o mundo que há entre o homem e o amor seria o próprio mundo no sentido bíblico. Em seguida, recupera o muro existente entre o homem e o mundo como o reviramento na junção entre a verdade e o saber, o situando no lugar da castração, levando o saber a manter o campo da verdade como inalterado.

E, surpreendentemente, empreende uma relação entre amor (*amour*) e muro (*mur*). E diz: “que não se possa *falar de amor*, portanto, mas que se possa escrever sobre ele”[vi], o que denota uma impossibilidade e uma inacessibilidade. Assim, nessa tentativa de escrita do amor, produz-se a carta de amor (*lettre d’amour*). Como já disse no *Seminário sobre A carta roubada*[vi], esta sempre chega ao seu destino: felizmente, chega tarde demais; raras vezes chega a tempo. Assim, parece-nos que para além do amor na relação entre o homem e a mulher, temos a carta/letra de amor, ou seja, para além da própria castração e do gozo fálico, o que toca o Outro gozo, o Heteros.

A articulação da possibilidade de escrita de uma carta/letra de amor ao final de uma análise, a partir da transposição do muro, considera também a sua função de reverberação. Esta interessante articulação de Lacan nos remete ao estatuto do dito e do dizer em uma lógica onde o amor, para além de sua suplência à inexistência da relação sexual, comparece como uma possibilidade de travessia do muro de linguagem.

[vi] LACAN, J. (1960-1961) *O Seminário. Livro 8: a transferência*. Tradução de Dulce Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010.

[vi] \_\_\_\_\_. *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

[vi] \_\_\_\_\_. (1953) Função e campo da fala e da linguagem. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.

[vi] \_\_\_\_\_. *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011, p.102.



[vi] \_\_\_\_\_. (1957) O seminário sobre “A carta roubada”. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 13-66.

## **Prelúdio 10**

### **O AMOR É UM SEMBLANTE**

***Rainer Melo***

Minha contribuição visa pensar o amor como um semblante. O amor é um semblante que se constitui como o verdadeiro laço social. A mitologia sobre Eros trata o tema do amor como uma ficção de que se perdeu uma metade e se vive a procurar esta metade para fazer um todo. Freud (1929/30) afirma que o “ser humano” busca amar e ser amado na esperança de encontrar a felicidade. E que a perda do amor, para a mulher, ou do objeto de amor, para o homem, constitui uma das fontes de infelicidade e desamparo. Já para Lacan (1962/63) amar é dar o que não se tem. E continua: as mulheres ensinam sobre esta questão na demanda ao parceiro para se declararem em palavras o seu amor por elas. Para amar é preciso falar e é através da fala que se depara com a falta-a-ser. Lacan designa que se trata da forma que o neurótico encontra de fazer amor ou de fazer toda sorte de coisas que se parece com amor. Se Lacan parece hesitar em dar a essa relação que o sujeito pode ter com o objeto de fantasma o nome de amor, é porque nela o que se constitui é muito mais uma forma de gozo do que propriamente uma relação de amor. O fantasma é essa tentativa de gozar com o corpo do Outro, ou seja, desta parte perdida de si mesmo, o objetoa. Não há relação com o Outro, o gozo só tem relação consigo mesmo.

O amor, ao contrário, se dirige ao Outro. Há o falo (1958), o significante universal do gozo, que pode se escrever e não há outro significante do Outro gozo, essa parte perdida a que o amor vem fazer semblante. O amor vem aí, tal como o sintoma, para fazer suplência, para fazer metáfora, para substituir uma insatisfação. O sintoma vem suprir a falta, que é estrutural, na tentativa de fazer existir a relação sexual que não existe. Não podemos substituir, efetivamente, o significante que falta, o significante feminino, que não existe, o significante d’A/ Mulher.

As histórias de amor são sempre histórias de desencontros. Os desencontros se sustentam na esperança de um encontro com Outro, que seria todo, lançando o sujeito no registro da impossibilidade que resulta da tentativa de fazer com que a relação sexual exista. “O que vem em suplência à relação sexual é precisamente o amor”. (LACAN, J. 1972/73: 62). O amor vem fazer suplência à impossibilidade da relação sexual na tentativa de fazê-la existir. Lacan (1958) observa que na mulher a prevalência do objeto de amor é maior em relação ao desejo, enquanto no homem há uma divergência entre o objeto de amor e de desejo. A não relação sexual pressupõe que há um desencontro entre os sexos e que se torna impossível dizê-lo porque há um furo na linguagem. Entretanto, à medida que uma análise avança ela opera uma mudança, naquilo que revestia de amor, o encontro com o parceiro. A análise muda às condições de amor. E uma mulher, por exemplo, se está pronta à relação com um homem, pode desde então não se

acomodar mais no mesmo tipo de saber, de sintoma, que produzia, ela pode querer outra coisa, pois o analista é aquele que, ao colocar o objeto no lugar do semblante, está na posição mais conveniente para fazer o que é justo, interrogar como saber o que é da verdade. (LACAN. 1972/73: 129)

#### Referência Bibliográfica

FREUD, S. O Mal Estar na Civilização (1930 [1929]). In: Obras Completas. Rio de Janeiro. Imago Editora. 1980

LACAN, J. A Significação do Falo (1958). In: Escritos. Rio de Janeiro> Jorge Zahar Editor. 1958.

LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960). In: Escritos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1998.

LACAN, J. O seminário, livro 20, Mais ainda (1972/73). Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1985.